



A possibilidade de uma vida como aventura

*Notas da intervenção de Julián Carrón no Dia de Início de Ano dos
colegiais. Mediolanum Forum, Assago (Milão), 29 de outubro de 2011*

Alberto Bonfanti. Caro Julián, a saudação que você nos enviou pelo Tríduo Pascal dizia: “Sentir urgir dentro de nós as exigências de felicidade, de beleza, de justiça, de amor, de verdade, senti-las vibrar, fervilhar em cada fibra do nosso ser é inevitável, a menos que a pessoa seja de pedra. Levá-las a sério é uma decisão, a maior decisão da vida. Com consequências imprevisíveis. Só para audazes. Só para pessoas vivas, livres, capazes de se amarem de verdade. Para pessoas que querem viver à altura do ideal ao qual o coração impele sem parar. Encontrar tais companheiros para o destino é uma graça. Por isso a Bíblia diz: ‘Quem encontra um amigo encontra um tesouro’. Desejo encontrar muitos amigos entre vocês. Que não tenham medo das próprias exigências. Que não tenham medo de crescer, de ser adultos. Aliás, que não se contentem com nada menos que isso. Na expectativa de me cruzar com vocês em alguma curva do caminho, desejo-vos uma Boa Páscoa. Vosso companheiro de aventura”.

Essa curva do caminho chegou! Recebemos diversas contribuições para esta jornada. Todos evidenciam simplicidade e lealdade em expor-se, e testemunham a percepção clara do desejo pessoal e, ao mesmo tempo, uma flutuação de posição pela qual momentos de clareza e positividade dão lugar, em pouco tempo, a momentos de desconforto em que parece faltar a clareza precedente. De entre todos, impressionou-me este breve escrito: “Outro dia acordei de mau humor. Mas ao sair ocorreu-me levantar os olhos, e vi um céu fantástico. Eram seis da manhã, pela rua não havia mais ninguém, aquele céu tinha sido posto ali só para mim, pensei eu, porque Jesus sabe que hoje preciso mesmo d’Ele! Desde esse momento foi tudo melhorando. Fui à igreja rezar o *Angelus* com os

meus amigos antes de ir para a escola, e aí percebi definitivamente o quanto Deus estava me amando naquela manhã, tanto assim que não pude deixar de dizer aos outros: ‘Caramba, que sorte a nossa de termos Cristo conosco?!’ e encaminhei-me para a escola com um forte desejo de viver a fundo aquele dia tendo isto em mente. Mas depois foi tudo decaindo, entre discussões com os amigos e professores que fazem de tudo para demolir os bons propósitos... E no final da manhã dei comigo dizendo: ‘Que dia mais chato!’ Como é possível que alguém comece uma manhã dizendo: ‘Que bom! Que sorte que eu tenho Cristo!’ e acabe ao fim de cinco horas com ‘Que chatice?’”.

Então me parece decisivo lhe perguntar uma coisa em relação à decisão de levar a sério as nossas exigências, como nos dizia no Tríduo, e ao juízo que nos permite converter em experiência aquilo que experimentamos. Portanto, pergunto: em que consiste esta decisão de levar a sério as nossas exigências? Quando é que se dá esta decisão? O que é que ela implica? Como permanece? Quem e o que pode ajudar nesta decisão?

JULIÁN CARRÓN

1. À ALTURA DOS NOSSOS DESEJOS

Estou contente por ter chegado tão depressa a curva do caminho para nos revermos, para retomar o caminho neste novo ano que temos pela frente, que é uma oportunidade, como tudo aquilo que a vida nos oferece, uma grande promessa que cada um pode enfrentar ou deixar cair, porque nada na vida do homem é mecânico e automático, mas tudo é dom, uma oferta, uma proposta à vida. E é por isso que a vida pode se tornar uma aventura ou uma ‘chatice’.

O que é que quer dizer levar a sério a necessidade de viver, as exigências que ardem dentro de nós? Um de vocês exprime bem isso nesta carta que me enviou: “Acontece-me muitas vezes reler a mensagem que enviou aos colegas no Tríduo. Cada vez que o releio sinto despertar a minha natureza, o que eu sou verdadeiramente: desejo

de beleza, de justiça, de amor e verdade. Que grandeza esta exigência! Que grandeza esta exigência que descubro em mim todos os dias, momento a momento. Mas sendo tão grande esta exigência, maior ainda é a letícia que me invade quando decido [aqui está a decisão] ir atrás dela. E que maravilhamento em dar por mim à noite grato, mas ao mesmo tempo necessitado de satisfação total das minhas exigências! Como se nem mesmo a coisa mais bela vivida no dia ou na vida fosse capaz de me satisfazer. E é assim! E que gratidão ao dar-me conta disso! Verifico a cada dia que passa que não sou saciável por nada! Espanta-me que esta minha exigência nunca seja plenamente satisfeita, verifico que este caminho de curvas me oferece muito mas que, por outro lado, prossegue e promete muito mais. Espanta-me que o homem só o é no desejo e, quando não quer desejar, quando se contenta [quando decide não levar nada a sério], a sua humanidade fracassa. Eu próprio passei duas semanas neste estado de sufoco e opressão, devido à incapacidade, da minha parte, de amar. Agora posso dizer que recuperei, mas quero entender se aquilo que retirei desta experiência é correto ou se, pelo contrário, é mais um engano. Durante duas semanas acompanhou-me um mal-estar insuportável. Reparei que nesses dias não me perguntava o porquê das coisas, mas simplesmente fazia o que tinha para fazer sem escutar a mim mesmo, sem me perguntar o que realmente desejava. Assim, dei por mim fazendo sempre uma coisa diferente do que queria fazer, não estando onde queria estar, não lucrando nunca nada com aquilo que vivia, nem mesmo se era alguma coisa incrível. Aqui está a origem do meu mal-estar: o vazio que se tinha criado ao negligenciar a minha pergunta, a realidade que me circunda e a relação entre estes dois fatores. Quanta amargura nesses momentos! E realmente já não me sentia vivo e livre, mas sufocado e oprimido. Quer dizer: ao não dar espaço àquilo que sou verdadeiramente, lentamente ia morrendo. Basta apenas um instante em que eu desista de amar, de desejar, de exigir, de pedir, para que todo este mal-estar comece a ganhar forma; e eliminar isso me parece impossível. Mas depois, de repente, a pergunta volta ainda mais forte do que antes e, fazendo-a interagir com a realidade que a origina,

crece, e eu recomeço a viver, e me surpreendo amando cada detalhe da realidade, ao ponto de passar horas observando as flores na ciclovia no regresso a casa (moro fora da cidade) ou os curiosos efeitos da luz no céu. Assim como dou atenção a isto, dou atenção à minha mãe (apesar da tensão que existe entre nós), à escola e a tudo quanto se me apresenta. Embora sendo verdade o que eu disse – e escrevo-te também para saber isso –, reconheço uma questão que é ter necessidade de ser educado a escutar-me [a levar a sério as minhas exigências], a amar-me a mim mesmo e a amar. O que eu desejo, na verdade, é ser sempre fiel à minha exigência para nunca me sentir perdido. Quero cultivar a minha exigência, que reconheço ser a minha principal fonte de vida, aquilo que me move, que me faz agir, que me faz conhecer, que me leva a confrontar-me com toda a realidade. Não quero negar o sofrimento que reconheço como parte constitutiva da minha vida, mas quero negar a nulidade, essa nulidade que torna o homem realmente triste e pobre. Verifico que aquilo que me faz feliz, o que me enche o coração é uma exigência que não obtém nunca uma resposta última, e peço para ser educado a nunca esquecer-la, mas fazer dela o centro do meu viver. Teu companheiro de aventura”.

Este é um companheiro de aventura! Porque quer viver à altura dos seus desejos. E por que motivo quer viver à altura dos seus desejos? Porque, se não, o mal-estar domina a vida, o vazio e a amargura levam a melhor. Só quando estes desejos estão vivos em nós é que todo e qualquer aspecto do real nos surpreende. É precisamente quanto mais uma pessoa se dá conta disto (que todo o mistério da vida consiste em estar desperto, em ser despertado nas nossas exigências, na nossa humanidade) que mais percebe, então, qual a sua verdadeira necessidade.

Mas quem pode ser capaz de despertar constantemente o meu eu de tal modo que eu possa gozar a vida assim, e não, em vez disso, sufocar porque a realidade parece não me dizer nada? O único que pode despertar constantemente o nosso eu tem um nome: Cristo. Cristo veio – disse-nos sempre Dom Giussani – porque tem piedade do nosso nada, por falharmos nas nossas exigências, por sermos arrastados pela

corrente das circunstâncias e dos estados de espírito. Cristo, vendo esta nossa situação – que a carta citada no início descrevia tão eficazmente na passagem da alegria ao desgosto –, ama-nos tanto que diz: “Se Eu não intervenho em sua ajuda, estes pobrezinhos estão perdidos!”

É por isso que Dom Giussani nos diz que Cristo veio para redespertar constantemente o nosso senso religioso, as nossas perguntas. Recordam-se do que dissemos em 26 de janeiro, na apresentação de *O senso religioso*: o início da nossa proposta é o acontecimento cristão, que hoje nos surpreende assim como há dois mil anos surpreendeu os pastores em Belém. Por que motivo é tão decisivo o acontecimento cristão? Porque este – diz Dom Giussani – ressuscita, reacende, desperta o nosso eu, as nossas exigências, o nosso desejo de viver, de gozar, de amar, de nos implicarmos nas coisas, potencializa este senso religioso, este conjunto de exigências e de evidências que a carta que acabei de ler descreve. Depois vão reler a carta por partes, porque está tudo ali. Viver isto introduz uma alegria e uma gratidão sem fim; ao passo que quando isto falta, tudo se torna chato.

Nós sabemos que muitas vezes ficamos espantados: acordamos com ‘os pés de fora’, mas depois calha levantar os olhos e vemos um céu magnífico, e tudo começa a melhorar. No entanto, depois decaímos, como tantas vezes experimentamos. Então como é que nos ajudamos? Dom Giussani diz que nós precisamos de uma educação, porque, de outra forma, se não formos educados a cingir-nos bem ao real, somos como uma pedra arrastada pelas circunstâncias, levada de um lado para o outro sem nos darmos verdadeiramente conta; e no fim ficamos fartos. É por isso que Dom Giussani diz: “Nós não estamos acostumados a olhar como presença uma folha presente, uma flor presente, uma pessoa presente, não estamos acostumados a fixar como presença as coisas presentes” (L. Giussani, Milão, 1º de fevereiro 1995, cf. “Viver sempre intensamente o real”, *Passos - Litterae Communionis*, n. 9, outubro de 2011, p. V). Para ilustrar isto vou ler uma carta que um universitário de Roma me escreveu: “Em novembro do ano passado, sofri um acidente que me obrigou a ficar na cama por mais de três meses. Foi muito difícil. Eu não podia nem me mexer,

estava impossibilitado de fazer qualquer atividade, nada, não podia nem estudar, por causa dos analgésicos que tomava, que me impediam de fazer qualquer coisa que exigisse um mínimo de concentração. Três meses na cama, parado, imóvel. Recordo, porém, que uns dois meses depois que voltei a caminhar, olhando fotos de quando eu estava acamado, rodeado de amigos, mostrei essas fotos para minha mãe, e ela disse quase que instintivamente: ‘Mas veja que bela foto! De qualquer modo, foi mesmo um belo período!’. Olhando para trás, posso dizer que, apesar da imensa dificuldade de estar imóvel no leito, de toda a ansiedade para voltar a andar, havia algo que não me tornava infeliz; aliás, nos últimos tempos eu estava até contente, em meio às dificuldades. Por dois motivos. O primeiro é que em todos os momentos de dor eu estive sempre apoiado, de um modo livre e gratuito [...]. Eu percebia que se dedicavam totalmente a mim: de maneira total e detalhada. O segundo motivo é que as coisas, mesmo as menores, não eram mais coisas óbvias: eu me surpreendia com um prato de macarrão um pouco mais elaborado, com a companhia que via ao meu redor, com o fato de minhas irmãs, antes de irem dormir, colocavam mais perto da minha cama a ‘comadre’, sem que eu pedisse. Até que uma manhã, quando uma ambulância veio me buscar para me levar ao hospital para alguns exames, eu me surpreendi ao rever o céu: que o céu existia eu sempre soube, mas finalmente tinha-me dado conta que ele existia, que estava ali. [Quando alguém se dá conta disso, uma vez na vida, percebe quantas vezes o céu, para ele, não era uma coisa presente] Eu não fazia nada, não podia fazer nada e, no entanto, com toda a dor, toda a ansiedade, eu não era infeliz. Eu via tudo pelo valor que tinha, nada mais era óbvio [...]. Agora, quatro meses depois de ter recomeçado a andar, me dou conta de que aquela tensão para as coisas já está se apagando: o prato de macarrão mais elaborado voltou a ser uma coisa normal, as coisas voltaram a ficar sob a sombra da minha medida e da minha acomodação [a vida tornou-se de novo chata] ... Qual é a estrada que pode me restituir aquela condição, que pode me fazer viver sempre aquela experiência? [de me surpreender com as coisas presentes]”

Dom Giussani nos diz que as causas para essa situação são duas. Primeira: o nosso uso normal da razão é reduzido. Segunda: estamos sujeitos à divisão entre o reconhecimento e a afeição. E dá um exemplo: “No início da era moderna: Petrarca admitia toda a doutrina cristã [estava de acordo com o que lhe diziam sobre a fé cristã], e de que maneira, sentia-o até melhor do que nós, mas a sua sensibilidade ou afetividade flutuava autônoma” (L. Giussani, *Ciò que abbiamo de più caro*. 1988-1989, Milão, Bur, 2011, p. 156). Vejam, o que Dom Giussani descreve de Petrarca é aquilo que a carta inicial mostra: numa manhã, passa-se da beleza mais comovente ao tédio. Isto é a nossa flutuação. A partir daqui percebe-se em que medida temos necessidade – se não quisermos ser para toda a vida como uma pedra levada pela corrente, pela flutuação dos nossos estados de espírito– de uma educação. Diz ainda Dom Giussani: olhem, pessoal, que o problema mais interessante é dar-nos conta da realidade; e o que é que Dom Giussani nos fornece para esta educação? Como podemos aprender a usar a razão de modo correto para vencer esta flutuação que nos leva constantemente a viver estes altos e baixos que nos confundem continuamente? Nenhuma outra coisa nos pode ajudar melhor que o capítulo décimo de *O senso religioso*, que ele define como “a chave do nosso modo de pensar” (cf. L. Giussani, “Um homem novo”, *Passos - Litterae Communionis*, n. 3, março de 1999, p. IX).

2. A MARAVILHA DA “PRESENÇA”

De onde parte Dom Giussani para nos ajudar? De romper a obviedade. E qual é a obviedade? Que nós não nos damos conta, exceto em raras ocasiões, que existe o céu, que existe a flor, que existe a mãe, que existe a irmã: tudo para nós é como se fosse óbvio. E para nos ajudar a abordar este problema Dom Giussani diz: imaginem que agora eu vos levava para um mundo que só eu conheço, vamos todos juntos fazer uma viagem, fechem os olhos e depois, quando estivermos todos lá, abrem os olhos com a consciência que têm agora; a primeira coisa que encontram na sua frente é um dia belíssimo, claro, com o Monte Branco

à frente. Diz Giussani: qual seria a primeiríssima reação ao embate daquela presença? E olhem que esta imagem não é uma ficção. Vou lhes contar uma coisa que aconteceu com um amigo meu do Brasil neste verão: com um grupo de amigos universitários de língua portuguesa (brasileiros, portugueses, moçambicanos), foi fazer um passeio ao Colle San Carlo, em La Thuile. Enquanto caminhava, ia pensando: “Quando chegar ao mirante, mostro-lhes o Monte Branco, cantamos algumas músicas, peço que fiquem calados para que possam apreciar o panorama”. Mas, logo que chegaram, tendo diante de si o Monte Branco, que muitos viam pela primeira vez, todos ficaram em silêncio. Enquanto estavam ali todos calados, ouviram chegar um segundo grupo que tinha ficado para trás; as pessoas caminhavam conversando em voz alta e o meu amigo começou outra vez a pensar – como se não tivesse aprendido nada com o que tinha acabado de acontecer – o que diria a eles à sua chegada: “Vou tentar fazer com que fiquem calados, vou fazer isto, vou fazer aquilo...”. Mas enquanto pensava essas coisas, eles chegaram e a imponência da presença do Monte Branco foi tão grande, era tão belo o que tinham diante deles, que também eles ficaram silenciosos.

Este episódio fez-me entender mais uma vez o motivo por que Dom Giussani nos propõe supor que nascíamos agora, com a consciência que temos. Qual seria o primeiríssimo sentimento diante do real? Seria um maravilhamento que nos deixa sem palavras, que nos deixa mudos perante tal beleza: “Se eu abrisse pela primeira vez os olhos neste instante, saindo do seio de minha mãe, ficaria dominado pela maravilha e fascínio das coisas, como de uma ‘presença’. Seria atingido pela reação estupenda a uma presença que é expressa pelo vocabulário corrente com a palavra ‘coisa’” (L. Giussani, *O senso religioso*, Brasília, Ed. Universa, 2000, pp. 155-156).

Vejam os termos que Dom Giussani usa: dominado, atingido pela reação estupenda, cheio daquela maravilha, daquele fascínio que nenhuma situação pode evitar. Como aconteceu com um dos seus professores que, vendo os seus alunos distraídos, pensou: “O contrário de estar distraídos não é estarem atentos, mas atraídos”. A questão é se

existe alguma coisa que nos atrai, para que então prenda toda a nossa atenção; e quando nos encontramos diante da realidade tão atraídos, fascinados, dominados, então a vida adquire uma espessura, uma intensidade, uma força que se desejaria ter para sempre, que se desejaria ter em cada instante: que as coisas fossem tão presentes, que as reconhecesse tão potentemente presentes, que esta atração se sobrepujasse à minha flutuação. Sem isso seremos sempre como uma pedra levada pela corrente das circunstâncias, dos estados de espírito, das mudanças. Mas isto nos diz que nós temos necessidade de não dar por óbvio esse dado, porque o primeiríssimo sentimento do homem é que está diante de uma realidade que não é sua, que existe independentemente dele e da qual ele depende. “Traduzido empiricamente, é a percepção original de um dado” (*Ibid.*): “dado” implica algo que “dê”.

Imaginem por um instante se nós reconheçêssemos todas as coisas como dadas, como dom, imaginem quando dão um presente para vocês, quanto lhes agrada, como lhes exalta, como ficam agradecidos, como lhes transforma a vida. Imaginem se nós aprendêssemos a viver a vida reconhecendo tudo como dado (não apenas em algum momento ocasional em que nos oferecem um presente), porque me é dado; mas nós damos isso por óbvio, como se fosse um direito ou uma coisa óbvia. Porém, se nós aprendêssemos – como o amigo de Roma no hospital – a não ver as coisas como óbvias, mas como dadas, como dom, a vida seria verdadeiramente outra coisa; que é aquilo que é, porque não temos de fazer assim para nos convenceremos que nos é dado: nos é dado, a verdade daquilo que tenho à minha frente é que me é dado!

Mas nós muitas vezes não o reconhecemos. Como nos educamos para que prevaleça em nós a consciência do “dado”? Diz Dom Giussani: “A própria palavra ‘dado’ é vibrante de uma atividade, diante da qual eu permaneço passivo: e [então] é esta passividade que constitui a minha atividade originária, a de receber, constatar, reconhecer” (*Id.*, pp. 156-157). Imaginem que eu lhe dou um presente. Qual é a sua primeira reação? Recebê-lo, acolhê-lo, não em primeiro lugar fazer alguma

coisa; a sua primeira atividade é uma passividade, um acolhê-lo, um dar-se conta que lhe foi dado, mas isso nós muitas vezes pulamos, pulamos o fato de que a mãe preparou o jantar, que existe o céu, que vivemos agora, pulamos tudo isto. Lembro-me de uma mãe que me contou que voltava de carro para casa com o filho e o filho lhe diz que tinha vontade de comer uma pizza. “Tudo bem, vamos fazer a pizza”. Mas depois, chegam em casa e encontram o pai já cozinhando, não a pizza, mas um frango. Então o menino começa a fazer birra: “Mas eu queria pizza!”. E a mãe lhe diz: “Mas você não vê que o seu pai já está fazendo o jantar para nós? Que depois de ter estado todo o dia no trabalho para sustentar a família chegou em casa e pensando em nós foi cozinhar?” O rapaz começou a entender, a não dar como óbvio que o pai estivesse ali preparando o jantar, e começou a mudar, foi falar com o pai e agradeceu pelo que estava fazendo; e no final o frango estava ótimo... Porque a questão não era o frango ou a pizza, mas dar-se conta que existia alguém que gostava muito dele, que lhe importava tanto, a ponto de preparar o jantar.

É essa a educação que precisamos: que cada um de nós possa ser ajudado a reconhecer como dado aquilo que parece óbvio. Qual é a nossa tentação? Saltar o dar-se conta, o “receber” o fato que o pai está fazendo o jantar. E assim perdemos o melhor. A maioria das vezes – amigos – perdemos o melhor, porque o melhor não é o frango ou a pizza (que você pode comer outro dia), o problema é que não nos damos conta que temos alguém que nos quer bem, que está à nossa frente; o rapaz o tinha na frente dele, mas o havia reduzido e, portanto, não tinha percebido todo o alcance daquilo que estava diante dos seus olhos. E foi preciso que a mãe, que lhe fez aprender a usar a razão de modo verdadeiro para o ajudar a entender verdadeiramente o que estava acontecendo, para lhe fazer entender todo o alcance, porque, se não, teria ficado na aparência. Isto fez com que ele vencesse a flutuação do seu estado de espírito e começasse a compreender todo o alcance daquilo que o pai estava fazendo. Nós temos de aprender isto, que a nossa primeira ação é uma passividade, é um aprender a receber, a constatar, a reconhecer o que temos diante, porque quando nos damos

conta disso acontece aquilo que Dom Gius nos diz no último ponto do capítulo décimo. O que aconteceu neste rapaz que se deu conta disto? O alcance daquilo que o pai estava fazendo é que o despertou. Imaginem o rapaz dando-se conta daquilo que estava acontecendo diante dos seus olhos: “Quando é despertado em seu ser pela presença [do pai], pela atração e pela maravilha, e se torna grato, cheio de letícia [por ter um pai assim]. [E então] [...] o homem toma consciência de si como ‘eu’ e [sente todo o maravilhamento dentro de si] retoma o fascínio original com uma profundidade que estabelece [...] a estatura da sua identidade” (*Id.*, p. 162).

Aqui Dom Giussani nos oferece todos os sinais para surpreender se estamos vivendo bem a realidade, porque se uma pessoa vive bem a relação com a realidade o seu eu desperta, ilumina-se. Quando acontece qualquer coisa a algum de vocês, perguntam-lhe: “O que é que lhe aconteceu?”. Por que é que lhe perguntam? Pelo que veem na cara dele: está mais contente, algo resplandece no seu rosto, tanto assim que aquilo que veem faz com que vocês digam: “O que lhe aconteceu? Por que é que hoje está tão contente?” Nós sabemos que lhe aconteceu alguma coisa que o maravilhou porque o eu despertou e isso o levou a estar contente e agradecido.

Se nos damos conta disto, que o nosso eu foi despertado pela presença das coisas, pela presença das coisas presentes, estamos contentes e agradecidos independentemente de todo o resto, estamos contentes e agradecidos; mesmo alguém que tenha acordado ‘de mau humor’ vê o céu e fica contente e agradecido, e então volta a tomar consciência de si, dá-se conta do valor da vida e volta a sentir o fascínio original com uma profundidade que estabelece a estatura da sua identidade. É impressionante porque nós pensamos que a estatura da nossa identidade são as nossas notas na escola, ou o que conseguimos ganhar quando trabalhamos, ou os papéis que desempenhamos na vida; em vez disso, Dom Giussani diz que a dimensão da nossa identidade é a capacidade que temos de nos maravilharmos diante das coisas; porque muitos têm dinheiro, muitos têm diplomas universitários, muitos ocupam cargos de responsabilidade, mas já não se maravilham e a vida para eles é chata.

Então, qual é o maior dom, o maior presente que nos foi dado, maior que qualquer outro?

Continua Dom Giussani: “Se neste momento eu estou atento [ou seja, se paro de ser criança], isto é, se sou maduro, não posso negar que a evidência maior e mais profunda que percebo é que eu não me faço por mim, não me estou fazendo. Não me dou o ser, não me dou a realidade que sou, sou ‘dado’. É o instante adulto da descoberta de mim mesmo como dependente de uma outra coisa” (*Ibid.*). Mas quem se deu conta hoje de ser ‘dado’? Se eu os desafiasse esta noite e dissesse: “Levante a mão quem hoje se deu conta, não deu por óbvio que existe”, a maioria de nós, a grande maioria de nós não a levantaria. Percebem como damos por óbvio? O maior dom: não as coisas, não os outros, mas eu a mim mesmo!

Esta é a educação que precisamos, porque se eu me desse verdadeiramente conta agora, com que gratidão viveria a relação com Aquele que está me fazendo agora. Vocês devem pensar nisso, porque todos podemos repetir esta frase sem nos darmos verdadeiramente conta de por que é assim. Se você tiver um enfarte agora, poderá dar a si mesmo um instante a mais de vida? Um instante a mais?! Todos nós que gostamos tanto de você, com todo o nosso esforço, com todas as nossas tentativas, podemos todos juntos prolongar por um instante a sua vida? O mundo inteiro poderia dá-la? É um dom até esse ponto! Os nossos pais contribuíram para nos transmitir a vida, mas que eles não são a origem última se vê no fato de que nem eles são capazes de prolongar por um instante a mais a nossa vida. Vemos bem isso quando um amigo nosso morre num acidente de moto: os pais dariam a vida pelo filho, mas não são capazes de lhe restituir a vida. A vida nos é dada por um Outro, é a coisa mais evidente; e eu me dava estes exemplos para entender a fundo o que Dom Giussani diz: que a coisa mais evidente, que “a evidência maior e mais profunda é que eu não me faço por mim”.

Então, se eu tomasse verdadeiramente consciência de mim mesmo, me desse verdadeiramente conta de mim, como deveria dizer “Eu”? Eu sou Tu que me fazes agora! Vejam quando uma pessoa se apaixonava:

existência do outro introduz em mim uma vibração, uma intensidade, uma felicidade, uma explosão que eu com toda a minha energia não sou capaz de me dar, todas as minhas tentativas, todos os meus esforços não são capazes de me dar nem sequer um instante dessa intensidade que me dá a presença de um outro. Que vibração introduz dentro de mim a presença do outro! Então, se acontece com a pessoa por quem me apaixono (que é um nada como eu), imaginem o que acontece no dia em que eu me dou verdadeiramente conta d’Aquele que me dá o ser! Com que vibração deverei dizer “Tu” Àquele que me faz agora! Enquanto não chegarmos a vibrar assim – a vibração do apaixonado é somente um pálido reflexo disto, um pálido exemplo –, nós perdemos o melhor! Sinto muito. Não vivemos com consciência, com intensidade, com verdade aquilo que está acontecendo. Para nós muitas vezes dizer “Tu” a este Tu que me faz é como dizer “Garrafa”, é igual a nada. “Já sei isso”: não sabe, e perde o melhor com a sua presunção boba!

É por isso que não nos cansamos de ler essa grande testemunha que nos deu o Mistério, Dom Giussani, porque ele não consegue dizer “Tu” sem toda a vibração com que alguém possa imaginar dizer “Tu” à pessoa que ama, aliás, muito mais. Para nós isso está tão distante que às vezes me dizem que é uma complicação. Imagine que lhe diziam que vibrar dizendo “Tu” diante da moça por quem você está apaixonado é uma complicação! Mas por que nasce esta objeção? Porque nos falta aquele modo de viver a realidade, de viver a consciência deste Tu na sua verdade, porque não fomos educados para isso.

Eu me dava estes exemplos. Imaginem quando começam a aprender matemática, é cansativo ficar atento para não errar em cada passo. Gostariam que fosse imediato, assim que veem o problema, intuir a solução. Mas para chegar até aí é preciso ter paciência para aprender passo a passo, passo a passo, passo a passo, passo a passo; e quando se começa a ter familiaridade com a matéria, então sim, logo que vê o problema, poderá dizer: “Claro! É este o caminho para resolvê-lo”. Ou quando alguém começa a tocar piano, gostaria logo de executar Mozart, porém é preciso começar fazendo exercícios com os dedos que parecem engessados. E tantas vezes, dizendo estas coisas, para nós parece uma

complicação, tal como no início nos parece complicado o que Dom Giussani nos propõe, e não temos paciência para fazê-lo, nos parece complicado e trocamos a razão pelo sentimento porque nos parece mais fácil, mais imediato: “Se o sinto existe, se não o sinto não existe!”. Esta é a nossa filosofia, pelo que, numa manhã podemos passar de um extremo ao outro, e nem digo quantas vezes num só dia!

Por isso é preciso querer-se verdadeiramente bem a si próprio até ao ponto de aceitar o percurso educativo que Dom Giussani nos propõe, para apreciar toda a realidade sem perder o melhor, porque nós perdemos o melhor se diante da realidade não descobrimos o Tu que domina a vida, o Tu que faz vibrar a vida em qualquer situação, o Tu que me faz estar sempre em companhia mesmo estando sozinho, o Tu que determina tudo mesmo estando triste, o Tu que me acompanha mesmo estando sozinho, o Tu que é Aquele que a menor coisa do real clama, da folha à pessoa presente. Tudo grita este Tu, mas nós não chegamos quase nunca a reconhecer este Tu diante do real, e por isso não existe algo que nos atraia suficientemente para vencer a flutuação. É só junto de um Tu que lhe atrai tão fortemente que você se sente bem. Este é o caminho que Dom Giussani nos propõe: que este Tu na relação com o real, no modo de viver o real, se torne cada vez mais nosso, porque tudo quanto nos dá tem a natureza de um sinal. O borbotão implica a nascente. Conhecer significa aceitar realizar o percurso do borbotão à nascente. Este é o verdadeiro uso da razão, e então eu posso dizer que sou “Tu que me fazes” com toda a minha consciência de homem. “Isto é a oração: a consciência de si até o fundo que se depara com um Outro” (Id, p. 163), razão pela qual esse é o único gesto humano em que a estatura do homem é totalmente realizada. Quantas vezes rezamos assim? Com frequência é apenas um dizer palavras sem entrar em relação com este Tu que me faz agora.

Do reconhecimento deste Tu que me faz agora depende todo o equilíbrio da vida, e podem ver se isto é uma experiência para vocês. Dom Giussani deixa-nos todos os sinais para ver se fazemos a mesma experiência de que ele fala: se podemos entrar – diz ele – como “uma criança nos braços do pai e da mãe [...] em qualquer situação da

existência com profunda tranquilidade, com uma possibilidade de alegria” (cf. *Id.*, p. 163). Imaginem uma criança, se chega a uma sala escura foge, fica com medo; com a mãe dando-lhe a mão a criança entra em qualquer parte. Que companhia nos pode fazer entrar em qualquer circunstância com esta tranquilidade profunda e com esta possibilidade de letícia? Somente o reconhecer este Tu que está na origem do meu eu, porque dizer “Eu sou” quer dizer: “Eu sou feito”.

3. “VIVER SEMPRE INTENSAMENTE O REAL”

Então, e termino, “a fórmula do itinerário para o significado último da realidade qual é? Viver o real”. Tal como dissemos, “a única condição [...] é viver sempre intensamente o real” (*Id.*, p. 166). Mas o que quer dizer viver intensamente o real? Não sermos mais insistentes nos implicando com as coisas, mas ficando na aparência; muitos jovens pensam que vivem mais intensamente o real porque se agitam mais ou fazem muitas coisas, mas voltam para casa vazios. O que quer dizer viver intensamente o real? O que quer dizer ter um relacionamento verdadeiro com os amigos, o que quer dizer ter um relacionamento verdadeiro com a pessoa de quem você gosta, a fim de que não volte para casa vazio? Como é que sabemos, diz Dom Giussani, se vivemos intensamente o real? Se não sufocamos. Diz: “O positivismo [o ficar na aparência] que domina a mentalidade do homem moderno [...] exclui a solicitação para a busca do significado que nos vem do relacionamento originário com as coisas” (*Ibid.*). Nós ficamos muitas vezes na aparência que nos sufoca. Temos um sinal: sufocamos, somos positivistas, ficamos apenas na aparência.

Então que ajuda, que companhia temos de fazer uns aos outros para aprender a viver o real de forma tão verdadeira que não nos faça sufocar! Esta é a promessa deste início de ano. Esta é a promessa que Dom Giussani nos oferece e que sempre nos testemunhou, que se vivermos o real na sua verdade podemos respirar sempre em qualquer circunstância; caso contrário – para usar uma imagem usada pelo Papa na sua viagem à Alemanha – nós vivemos a realidade como se

estivéssemos em um bunker sem janelas (sufocamos só de pensar nisso...). o que é que temos de aprender? A escancarar as janelas, a abrir todas as janelas para compreender a realidade, até à sua origem, para reconhecer que nós estamos em relação com o Tu que faz respirar em qualquer momento, em qualquer circunstância.

Esta é a aventura mais fascinante do viver. Tudo o resto, amigos, é agitação; podemos agitar-nos de muitas maneiras, fazer isto ou aquilo, mas se nós não descobrirmos, se não formos até ao fundo do único Tu que nos faz respirar e se não se torna familiar a relação com este Tu que nos faz respirar em qualquer circunstância, podemos alterar as circunstâncias, mas continuaremos a sufocar.

Esta é a promessa, e este é o caminho; esta é a educação de que falava a primeira carta que li, isto é, o que impede de flutuar constantemente; caso contrário, como todos os seus colegas, serão arrastados por qualquer circunstância até se cansarem e se tornarem cétricos. Só quem aceita este caminho, e a verificação, poderá descobrir a verdade, o que é verdadeiramente gozar a vida, o que é verdadeiramente viver tudo com intensidade. Para isso é preciso a sua disponibilidade, a sua liberdade e a sua decisão.